

INFÂNCIAS CEIFADAS: EQUÍVOCOS IMPERDOÁVEIS.¹

Alfredo Jerusalinsky

Por que as declarações da psicóloga Elizabeth Monteiro sobre a Síndrome de Asperger no Domingão do Faustão têm recebido tão duras críticas dos pais? A Síndrome de Asperger pode estar relacionada a comportamentos violentos?

As declarações de Elizabeth Monteiro sobre a Síndrome de Asperger são incorretas: 1) todos os que hipoteticamente partilham dessa condição são notadamente inteligentes, embora frequentemente sua avantajada inteligência lógica não seja acompanhada pelo mesmo nível de capacidade no que se refere à interpretação afetiva. Isso não quer dizer que essas pessoas não tenham sentimentos, mas que, precisamente, sofrem por não conseguirem lhes dar um sentido e também têm dificuldades –por isso – em manter relações com os outros. 2) Nem todos os que se caracterizam de acordo com essa hipotética Síndrome são autistas, embora ela forme parte dos Transtornos de Espectro Autista. 3) Não há nenhuma relação entre autismo, Síndrome de Asperger e violência. Eventualmente nesses quadros pode haver manifestações auto-agressivas e nunca altero agressivas.² Por isso é completamente impropriedade associar essas condições psicológicas à psicopatia (essencialmente altero agressiva), e, por tanto, completamente absurdo associar os assassinatos ocorridos na escola Sandy Hook, em Connecticut, com autismo ou Síndrome de Asperger. 4) Se Elizabeth Monteiro já pensava o que declarou, constitui, no mínimo, uma imprudência ética aceder a se manifestar acerca de um assunto tão delicado, com previsíveis repercussões de dano social, num programa televisivo notadamente carente de rigor jornalístico. 5) Os pais e familiares das pessoas que padecem desses problemas psíquicos são, inevitavelmente, vítimas de um grande sofrimento e costumam realizar grandes esforços para poupar seus filhos das graves consequências da exclusão social, por isso é lógico que se indignem não somente com tais imprecisões, mas também com declarações que qualificam equivocadamente seus filhos como se fossem perigosos.

Dizíamos acima que Asperger se trata apenas de uma Síndrome hipotética precisamente porque havendo sido criada pelo Dr. Asperger em 1948, até 1992 – ano em que é incorporada no Manual Estatístico de Desordens Mentais IV como formando parte dos Transtornos de Espectro Autista – os casos comunicados na literatura médica mundial não alcançaram o número de 100. A partir dessa incorporação, acompanhada da supressão da categoria de Psicoses Infantis, os Aspis (assim carinhosamente chamados) se multiplicaram velozmente por dezenas de milhares. Porém, desde 1998, ano em que começou a re-elaboração do DSM IV para a edição do DSM V (cuja publicação está prevista para 2013) a American Psychiatric Association passou a considerar criticamente a existência dessa Síndrome pelo fato de as pesquisas genéticas e neurológicas não terem encontrado em todos esses anos nenhum “marcador” biológico associado a ela e, ao mesmo tempo, ter percebido que suas manifestações clínicas

¹ Parcialmente publicado no *Caderno Vida de Zero Hora* de 22 de dezembro de 2012.

² Na reportagem publicada no *Caderno Vida* do jornal Zero Hora do sábado 22 de dezembro de 2012 essa frase apareceu modificada com a seguinte versão: “Eventualmente nesses quadros pode haver manifestações agressivas.”, o que é contraditório com tudo o afirmado no resto das respostas endereçadas às perguntas formuladas pela jornalista, sendo que tais respostas foram enviadas por escrito. Tal versão induz a uma ideia equivocada que confirmaria precisamente aquilo que o autor consultado sustenta.

aparecem de modos fortemente variáveis. Por isso há uma clara tendência para que ela deixe de figurar no DSM V.

Quais as diferenças entre psicopatia e autismo?

Perante os trágicos acontecimentos ocorridos em Connecticut na semana passada convém considerar três diferenças e não somente a que surge da comparação entre as duas categorias diagnósticas que Elizabeth Monteiro assinalou: 1) a diferença entre psicopatia e autismo, 2) entre autismo e psicoses, 3) entre psicoses e psicopatias.

Enquanto o autista não compreende o mundo que o rodeia e, para se defender, tende a se isolar dele, o psicótico cria uma compreensão delirante do mundo e espera que todos no mundo se comportem de acordo com seu imaginário. Assim, do autista não cabe esperar nenhuma agressão, o que se verifica nos fatos desde 1943, ano em que o Dr. Leo Kanner publicou seu primeiro estudo sobre a Síndrome Autista, sendo que, pelo contrário, é necessário levá-lo a se interessar pelo mundo e desembaraçá-lo de suas inibições e, às vezes, tirá-lo de sua excessiva docilidade.

No entanto, o psicótico, nos seus momentos de crise tolera muito mal que as coisas e as pessoas não se adaptem a seu imaginário e isso pode torná-los transitoriamente perigosos para os outros e para si mesmo.

Já o psicopata dedica todos seus esforços a que todo mundo fique ao serviço de sua satisfação e, por isso, seu maior prazer está em exercer um poder tirânico enquanto seu maior desgosto está em que as pessoas e os acontecimentos o desobedeçam. Por isso ele pode passar das expressões mais amáveis e afetuosas – quando tudo o satisfaz – para os atos mais terríveis e cruéis – quando os acontecimentos reais não respondem a seus devaneios. Hitler é um exemplo inequívoco de como um psicopata funciona.

Uma sociedade pode estar criando psicopatas sem sabê-lo ao acostumar os sujeitos desde pequenos a *gozar sem limite* de todas as satisfações (embora, paradoxalmente, possa se criar o mesmo efeito privando desde pequenos os sujeitos de todas as satisfações). A insólita frequência com que nos Estados Unidos de Norte América surgem do nada franco atiradores mentalmente infantis, que castigam preferentemente crianças, sugere que não se trata de assassinos comuns, mas de vingadores que vêm, nos seus *pares*, imaginários rivais para o consumo das benesses que começam a escassear.

Pela nossa parte, no Brasil, perante a intensificação recente da violência delinquente precisaríamos nos perguntar até que ponto a exibição de riqueza e abundância frente àqueles que não as possuem pode criar - no contraste - uma privação imaginária (às vezes também real) capaz de produzir um exército de psicopatas. Canadá é o país que mais armas pessoais têm *per capita* e, no entanto, tem um baixíssimo índice de assassinatos. Será esse um indicador de que a questão fundamental não está na posse de armas? Então, caso o nó do problema venha a estar na saúde mental, o que fica claro é que ela não depende meramente da genética ou da condição neurológica, mas também das condições psíquicas e sociais que sejam oferecidas para cada sujeito.